

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A—1.º e 2.º Andar—Telef. 34.

Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa—Rua de Santo António, 133

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

AVENÇA
COMISSÃO DE CENSURA

O Poeta Guilherme de Faria na Sociedade Martins Sarmiento

Nos últimos tempos, tem a Sociedade Martins Sarmiento realizado uma série brilhantíssima de conferências, consagradas a todas as expressões da Ciência, da Arte e da Literatura.

A sua nobre missão tem-se mantido inalterável.

Dentro do campo cultural, as maiores Mentalidades portuguesas ao seio desta benemérita Colectividade têm trazido o calor da sua palavra, e os proveitos das suas lições têm grandemente deleitado a assistência numerosa que sempre acode com entusiasmo a estas manifestações de beleza espiritual.

que muitos vimaraneses ignoram e desconhecem, o nome de um moço poeta já desaparecido, por desgraça, mas de assinalado valor dentro do verdadeiro e puro idealismo poético.

Guilherme de Faria foi um poeta profundamente subjectivo.

Com êle nasceu, em batalha consumida, um incompreendido mistério que o havia de fazer grande na tristeza dos seus versos.

Subjectivo, porque todas as torturas alheias eram as suas, todas as amarguras que sentia à sua volta as encontrava no seu íntimo, e o eco dos seus



O Poeta Guilherme de Faria

Revestir de alto significado educativo as suas festas, tem sido a preocupação das Direcções da Sociedade Martins Sarmiento.

E de longe, o melhor esforço de todas elas se tem congregado à distinção dos sagrados deveres do Pensamento e da Inteligência.

Indo mais adiante, nobremente, escrupulosamente, muitas das suas festas têm tido o carácter sentimental e saudável de gratidão e de homenagem à memória dos maiores valores nacionais e vimaraneses.

Os louvores respeitosos da Sociedade Martins Sarmiento têm marcado, porque são realizados com carinho, com devoção, com sinceridade, preito sempre aberto à justiça e ao dever, e num ambiente de primor, ajustado à gravidade das manifestações e sempre com o pensamento de elevar, pelo prestígio dos valores já desparecidos, o nome da Colectividade que os recorda.

E cresce cada vez mais, a lista das suas rendidas homenagens.

A do dia 2 de Março, vai expressamente em recordação e saúde, lembrar um nome

versos elegíacos tomava uma dolência de ansia e de reza, de desesperança e de amor, como que a querer atingir o infinito, onde por certo existia a perfeição e o bem...

Que Guilherme de Faria é uma verdadeira afirmação poética, que os seus versos são verdadeiramente versos, pelo ritmo, pela elegância, pela justeza da forma e pela elevação do pensamento, todo íntimo e doloroso, já o denunciaram a análise crítica e a autoridade mental dos Escritores Alfredo Pimenta, Feliciano Ramos e Joaquim Manso.

P.º J. Carlos Simões, teculhe há pouco um hino de amorosa lembrança, onde a sua juventude é cantada e as suas qualidades morais festejadas.

O sonho permanente de ideal, as saudades e o anseio do longe, a perfeição do amor, a purificação da beleza, procurados no batalhado mar dêste imperfeito mundo, levaram uma sensibilidade atraente e penetrante à alma torturada do moço Guilherme de Faria, e fêz-se poeta, inclinado sempre às tendências que divinamente dentro de si foram criadas.

A' sagrada memória de meu Pai, Eduardo Manuel de Almeida

(No 28.º aniversário do seu falecimento)

Desde que Tu partiste, em vão meus braços
Procuram o calor do teu carinho,
Como um cego que vai por um caminho
Sem o bordão, que lhe amparava os passos!

Em vão meus olhos lacrimosos, baços,
Buscam, ansiosos, o doirado ninho,
Que o teu amor ergueu entre os abraços
Das trepadeiras e do rosmaninho!

Em vão, nos sonhos que minha alma iludem,
Quero escutar a tua voz amiga,
A dar-me, ainda, os últimos conselhos...

Resta-me a Deus pedir que êles me ajudem!
E que teus passos, nesta vida, siga,
Embora o coração vá de joelhos!...

Jerónimo de Almeida.

Estes estados de espírito e de afecto vinham de novo.

Os fados seguiram-no sempre...

Quando a alma transparece lealmente, as inclinações lealmente se manifestam.

Surge então o homem, e quer êle seja escritor, artista ou poeta, retrata-se na estrutura das suas criações tal como é, como pensa, e como sofre.

Estou a vê-lo ainda, na sua mocidade, junto de mim, traquina e bom. Depois, em Novembro de 1924, do torvelinho de Lisboa, escreve-me:

«O seu livro veio falar-me da minha primeira mocidade, para sempre perdida, da linda terra em que nasci e de muitas coisas que hoje, na confusão da minha memória, são saudosas lembranças: — ouvi, como por encanto, as primeiras vozes que me falaram nas suas expressões características, cheias de pitoresco».

Em Junho de 1926:

«Lembro-o muitas vezes com saúde, e sempre que volto, com a memória, ao passado, é o meu caro amigo o primeiro que eu vejo aí, na nossa terra, a animar-me com as suas palavras tão carinhosamente gentis.

Creia que não o esqueço e que as suas palavras de amizade e louvor são das que mais me alegam e consolam».

Tudo isto era a sua alma e o seu carinho, recordando amigos e a terra onde nasceu.

Mais algumas cartas vieram, todos os seus livros com enriquecidos ofertórios também, e em Janeiro de 1929 perdeu-se para sempre...

Olho mais uma vez para um pequeno retrato, muito expressivo e muito pequenino, de rapazinho, que me ofereceu em Dezembro de 1920, e rezo as orações dos seus versos mais tristes e mais sentidamente doídos, numa graça de saúde à memória daquele bondoso moço que foi meu Amigo e Companheiro nas horas distraídas duma mocidade distante, cada vez mais recordada e desejada, porque a marcha e a vida, só têm carregado sobre

Dezassete minutos debaixo de água

Toda a gente leu.
E toda a gente se arripiou de horror.

Há muito drama no mundo de hoje, mas cada um tem a sua faceta diferente e todos são pungentes — embora de diversas maneiras angustiosas.

E' preciso acrescentar mais páginas aos volumes da história trágico-marítima.

O «João José I» safu de Lisboa e dirigiu-se para o Atlântico que, então, andava em tormenta alta, bramindo de fúria e ameaça na tumultuosa loucura das suas ondas de mares cruzados.

Vento de rajada fustigava o oceano, ora curvando o em abismos de fim, ora chicoteando-o em torturadas esculturas de altitude, como se até ao céu o quisesse raivosamente levar. Concavidade abismal, altura vã. Frigor e expectativa — em cada curva, a morte aninhada.

E o «João José I» que é de bom pé mas desloca apenas umas centenas de toneladas, lá continua firme na sua rota que uma só palavra de ordem norteia: «Avante!»

Em tempo de bonança sugere aquela frase do Rebus Emmanuelis aplicada às naus «todo o vento lhe faz jeito, de modo que, com vento de ilharga, bolina em direitura...» mas com aterrador tufão como aquele, logo começa a pairar a sombra de possível naufrágio.

Mas ninguém desanima, que o navio, embora furiosamente sacudido e maltratado pelo mar a crescer, continua ao lume de água.

Cada marinheiro está no seu posto, sôam as ordens de comando, estala o arcabóio, a prôa desaparece agora para, daqui a segundos, tornar a surgir, resplandecente e vitoriosa, dominando montanhas.

Foram seguidas todas as regras para evitar abaloamentos: faróis de luz branca na parte de vante, verde a estibordo e vermelha a bombordo, a sercia a uivar de dois em dois minutos, velocidade moderada, vigiância intensa. Arrebanhando os corações, latente receio de que apareça outro barco sem haver tempo para desvio ou para fazer os sinais do código internacional.

E também o temor de que a voragem trague, em fatal redemoinho, o frágil conjunto de tábuas — abrigo ou esquite? — que, na mão de Deus, vai a palpitar.

Passam horas com sabor a séculos, estão secas as gargantas e moídos os braços. Rezam os lábios e rezam as almas.

Mas o capitão é, como disse Azurara: «bó home per sua mão». Vai êle próprio ao leme quando sôa o minuto-auge de tragédia: o navio adorna, ergue-se, depois afocinha numa cova sem fundo e as vagas altas cobrem-no como um saco cheio que se fecha com um atilho.

— Parar! — é o sinal que se vê no mostrador do aparelho que guia as máquinas, acusando a voz do comandante.

E estaca o resfolar. Dezassete minutos debaixo de água!

Dezassete minutos em que a angústia revolve os seres, ténueamente amarrados à esperança por um fio que tanto pode ser de vida ou de morte.

Por baixo, no estridor do rolão, a grande interrogativa. Por cima, toda a luz do mundo — a mãe velhinha que nunca mais terá seus olhos enxutos, a triste mulher para sempre trajada de negro, o cachopo de meses que não chegará a aprender a segunda palavra da ternura humana: pai.

O capitão não larga o leme. Presença e exemplo.

Ninguém sai fora «de seus juízos». Dignos e firmes continuadores dos primeiros, dos arrojados «caravelistas do Infante», não precisam que o seu valor seja sublinhado com adjetivos.

Uma só constatação basta: são portugueses!

Aurora Jardim.

O caso das Freguesias

Por absoluta falta de espaço e porque se trata de uma exposição bastante longa, não podemos publicar ainda no presente número, a documentação recebida da Junta de Freguesia de S. Pedro de Azurém, a propósito da debatida

MORREU O

CORONEL LUÍS P. LOUREIRO

A Morte andava a rondá-lo há muito. Nem os médicos nem os amigos tinham dúvidas de que o desenlace, mais dia, menos dia, poria termo a tão longo e penoso sofrimento.

O Destino, que marcara o prazo certo à existência do Coronel Luis



Pereira Loureiro, — como, de resto, à de todos nós — cortou-lhe o fio da vida na quarta-feira, às primeiras horas da manhã. O enfermo, minado por uma terrível enfermidade, que nunca perdoa, veio de Lisboa há já alguns meses e recolhera a casa de seu dedicado filho, o nosso bom amigo Sr. Luís Ribeiro Loureiro, à rua de D. João I, onde se verificou o óbito. Há cerca de sete meses que ali se encontrava assistido por clínicos dedicados, ro-lea-lo dos maiores cuidados, dos maiores desvelos, até que surgiu o momento final e doloroso, quando, às 4 horas de quarta-feira, o loente, nosso querido amigo, exalava o derradeiro sôpro, serenamente, resignadamente, com absoluta lucidez de espírito, com a calma estóica daqueles que se sentem perdidos e sem remédio, condenados a um fim inevitável.

O Coronel Luís Pereira Loureiro foi um militar brioso, que sempre se distinguiu pelos seus méritos, pela integridade de carácter e pela muita ilustração, tendo na sua folha de serviços perfeitamente vincada a sua personalidade. Foi professor muito distinto da Escola de Guerra, e era natural do Porto.

O saudoso extinto contava 65 anos e era pai do nosso prezado amigo Sr. Luis Ribeiro Loureiro, casado com a senhora D. Maria Alice Dias de Amorim Loureiro, e da senhora D. Ana Ribeiro Loureiro Martins, casada com o também nosso bom amigo Sr. António Alves Martins; cunhada da senhora D. Rita de Moura Machado e tio dos nossos estimados conterrâneos Srs. Dr. José de Moura Machado, distinto professor do Liceu de Chaves e Eduardo de Moura Machado e da esposa do Pintor Sr. João Jorge Maltieira.

Há bastantes anos que vivia em Lisboa, mas aqui vinha passar alguns meses do ano, em companhia de sua dedicada família.

No meio vimaraneses contava o Coronel Sr. Luis Pereira Loureiro as maiores dedicações, verdadeiras amizades, aliás conquistadas pelo seu trato afável, pelo seu belo carácter, por todos os dotes, enfim, de que era possuidor.

Todos os seus amigos — e tantos eram! — seguiram atentamente a marcha da grave doença. Todos nós deploramos a sorte do bom e querido amigo. Toda a cidade sentiu a sua morte.

O funeral do Coronel Sr. Luis Pereira Loureiro efectuou-se na quinta-feira para o Cemitério de Atougia, constituindo uma significativa manifestação de pesar. Nele tomaram parte inúmeras pessoas das relações do

questão de delimitação das freguesias.

Esperamos dar-lhe publicidade no próximo número e, com ela, encerraremos a discussão.

mim, até hoje, os maiores desgostos e as torturas mais revoltas...

Mas do valor de Guilherme de Faria nos vai falar, em pública homenagem, o espírito superior do consagrado Jornalista Joaquim Manso.

ALBERTO BRAGA.

Relatório da Gerência de 1943

Apresentado pelo Sr. Presidente da Câmara ao Conselho Municipal

O Código Administrativo, art.º 77.º, n.º 3, impôs ao Presidente da Câmara a obrigação de apresentar ao Conselho Municipal, na primeira quinzena de Fevereiro, o relatório da gerência do ano económico do ano anterior.

E, pois, em obediência à lei, que venho submeter à apreciação de V. Ex.ª este relatório elaborado com a única preocupação de expor com toda a verdade e a maior clareza possível, a vida municipal durante o ano económico de 1942.

O momento grave que o mundo atravessa, com reflexos no País e nomeadamente neste concelho, o mais populoso e industrial desta Província, obriga a Câmara a dedicar toda a sua atenção aos serviços de assistência e de um modo especial ao abastecimento do pão à cidade e centros populosos e fabricas do concelho.

As receitas cobradas durante o ano totalizaram 3.719.395\$89, assim distribuídas:

Capítulo 1.º, impostos directos, 1.043.456\$83; capítulo 2.º, impostos indirectos, 492.863\$17; capítulo 3.º, taxas, 387.664\$11; capítulo 4.º, indústria e rendimentos de bens próprios, 162.696\$43; capítulo 5.º, reembolsos, 801.046\$62; capítulo 6.º, consignações, 320.437\$94; capítulo 7.º, extraordinárias, 511.236\$79. Total, 3.719.395\$89; saldo da gerência de 1941, 24.915\$92 = 3.744.311\$81.

As receitas dos capítulos 5.º e 6.º (reembolsos e consignações) não representam rendimentos de que a Câmara possa dispor para custear as suas despesas.

As receitas dos capítulos 1.º e 4.º (impostos directos e rendimentos de bens próprios) aumentaram, mas diminuíram em maior proporção as dos capítulos 2.º e 3.º (impostos indirectos e taxas), como pode verificar-se neste quadro:

Capítulo 1.º, 1939, 822.770\$12; 1940, 841.025\$95; 1941, 813.870\$58; 1942, 1.043.456\$83; capítulo 2.º, 1939, 572.029\$65; 1940, 537.659\$30; 1941, 500.801\$30; 1942, 492.763\$17; capítulo 3.º, 1939, 738.297\$10; 1940, 690.471\$10; 1941, 693.426\$75; capítulo 4.º, 1939, 99.179\$33; 1940, 103.725\$83; 1941, 107.298\$26; 1942, 162.696\$43.

Total, 1939, 2.232.276\$20; 1940, 2.172.929\$18; 1941, 2.120.392\$89; 1942, 2.086.674\$54.

São estas as receitas que contam para os encargos municipais.

As despesas importaram em três milhões, seiscentos e oitenta e um mil, quinhentos e nove escudos e oitenta e oito centavos (3.631.530\$88), distribuídas pelas seguintes verbas:

a) Encargos de empréstimos, 162.527\$05; b) Funcionários, 719.229\$95; c) Dividas passivas, 189.166\$80; d) Agua e Luz, 197.129\$40.

e) Educação: Reparação de escolas, 22.342\$00; rendas de edificios escolares, 20.808\$40;

extinto e de sua família, não só desta cidade como de outras localidades.

Os officios fúnebres foram resados, às 12 horas, no templo da Misericórdia, perante numerosa e selecta assistência, entre a qual vimos: médicos, advogados, officios do exercito, clérigos, proprietários, industriais, funcionários públicos, comerciantes, Sub-Agência da L. dos C. da G. G., etc.

Celebrou a missa do corpo presente o rev. Luis Gonzaga da Fonseca, acolitado pelo rev. Gaspar Nunes.

Fundos os actos religiosos, foi o cadáver, que estava encerrado em luxuosa urna de mogno, trasladado em auto-funeral, seguido de uma extensa fila de automóveis, para o cemitério, onde ficou inhumado em jazigo de família.

Nas homenagens fúnebres fizeram-se representar muitos camaradas e amigos do saudoso finado.

O *Noticias de Guimarães*, que se fez representar no funeral pelo seu director, apresenta as mais sentidas condolências a toda a familia dorida.

FOLHETIM DO "NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS" N.º 4 J. Weyman

Aventuras do Cavaleiro de Bérault

CAPÍTULO I Em casa de Zaton

Lembrei-me, ao fitá-lo, de cem histórias que se contavam sobre a sua vontade de ferro, sobre a frieza do seu coração e sobre a sua perspicácia, sempre em actividade. Ele tinha humilhado e feito rojar no pó o irmão do rei, o soberbo duque de Orléans. Ele tinha subjugado a rainha-mãe. Uma dúzia de cabeças, das mais nobres da França, tinha ido, por sua ordem pousar no cepo. Havia dois

OS NOSSOS MONUMENTOS

A obra gigantesca da restauração dos nossos monumentos religiosos e civis continua em pleno êxito, e lamentável é dizer-lo, com o pleno desinteresse do espirito da nossa população.

Todavia, está a realizar-se, em seu favor, alguma coisa que não tem precedentes na história artística e social de Guimarães.

Restaurados o Castelo, a igreja de S. Miguel, o Claustro da Colegiada, os Cruzeiros da Senhora da Guia e dos Pombais, continuam obras de restauro nos Paços dos Duques de Guimarães e Bragança, na igreja de S. Domingos, na igreja de S. Francisco e em Serzedelo.

Não há memória de semelhante movimento artístico entre nós.

A obra dos Paços dos Duques adquire neste momento notável avanço. Começou a construção da escada monumental, de acesso à capela; estão montados sete dos para-raios que não-defender e ornar aquela obra gigantesca; estão completas quatro das grandes salas destinadas ao Museu Regional de Alberto Sampaio; e são já em numero de dezenas as janelas do grandioso edificio que tem applicações de vitrais.

A obra de S. Domingos, embora tivesse tido uma dotação diminuta, no ano anterior, não parou ainda, tendo-se trabalhado activamente na reconstrução da fachada e nas janelas destinadas às naves. Além disso, a Direcção dos Monumentos Nacionais tem ali toda a telha necessária à cobertura do edificio.

Na suntuosa igreja de S. Francisco estão a reconstruir-se os telhados, a expensas da Ordem Terceira.

Em Serzedelo concluiu-se a restauração e cobertura do narthex, devendo começar em breve a cobertura do corpo da igreja.

Esperam-se, este ano, subsídios para os Paços dos Duques de Bragança, igreja de S. Francisco, igreja de Serzedelo e igreja de Santa Marinha da Costa.

grande dificuldade, nas regiões do distrito, onde se sabia que esse cereal existia em grande abundância.

Distribuiu a Câmara pedreiros da cidade e de uma grande parte das freguesias algumas centenas de milhares de quilos, na importância de 756.120\$68.

Faltaria a um dever de consciência se não vincasse aqui a acção do Ex.º Sr. Dr. José Joaquim de Oliveira Ilustre Governador Civil deste Distrito. Sua Ex.ª contribuiu, de uma maneira decisiva, para que não faltasse pão no concelho; merece também por isso o reconhecimento bem sentido de todos os vimaranenses.

A Direcção autónoma do Internato Municipal não quis continuar a dirigir esse estabelecimento de ensino, por o Liceu se ter apropriado de algumas dependências que lhe pertenciam.

Entendeu a Câmara e o ilustre Reitor do Liceu Sr. Dr. Feliciano Ramos que não convinha nem à cidade nem ao próprio Liceu encerrar o Internato.

Depois de várias diligências, que é inútil indicar, teve a Câmara a felicidade de conseguir que o Sr. Padre José Carlos Simões Veloso de Almeida, vimaranense pelo coração, se encarregasse da sua direcção.

Conseguiu-se assim que o Internato Municipal continuasse aberto com vantagem para a instrução e economia do concelho.

São várias as modalidades de assistência em que a Câmara colabora. A mais interessante é, com certeza, a obra do Lactário, graciosamente dirigida pelo seu fundador o Sr. Dr. Castro Ferreira. Seria uma ingratidão não tributar a Sua Ex.ª a homenagem da Câmara pela dedicação, carinho e desinteresse com que a dirige.

Para terminar cumprio ainda o dever de deixar exarado o meu reconhecimento aos funcionários municipais e de um modo especial ao Sr. Dr. Merlin Nobre que tem servido o seu espinhoso cargo de Chefe de Secretaria com o maior esforço, competência e lealdade.

Guimarães, 12 de Fevereiro de 1943.

O Presidente da Câmara, João Rocha dos Santos.

Vossa emiñencia também usou espada, disse eu, e detive-me bruscamente.

Parecia-me que o gabinete se tornava mais sombrio e o ar mais frio. Nunca recei tanto pela minha cabeça.

— Sim?... — tornou-me, sempre irónico e sorridente. — E daí?... — Daí... vossa emiñencia não será excessivamente rigoroso para as fraquezas de um pobre gentilhomem.

— O pobre gentilhomem não sofrerá mais do que um rico — replicou-me num tom cheio de doçura e contínuo a acariciar o seu gato. — Saboreia esta satisfação, senhor de Bérault... Não tendes mais nada a dizer-me?... — Já um dia fui útil a vossa emiñencia — respondi, desesperando da minha causa.

— Isso foi pago mais de uma vez, retorquiu-me o Cardeal. — E se tal se não houvesse dado não vos teria visto... — Ver-vos é ver o rei! — exclamei eu, aferrando-me à palha que ele parecia estender-me.

O RAIOS

A Mesa da nossa Santa Casa continua a trabalhar, com o maior entusiasmo, pela instalação do Raio X no primeiro estabelecimento hospitalar de Guimarães, a seu cargo.

Nesse sentido não se tem poupado a esforços esse núcleo de incansáveis obreiros da Caridade, que se têm revelado óptimos administradores, merecedores, portanto, da estima e da consideração de toda a gente.

Sabemos que a instalação do gabinete de Radiologia se fará em breve, tendo ficado assente também a montagem de aparelhos de radioterapia, ficando desta forma completo o melhoramento com que Guimarães vai ser dotada, fruto de uma campanha persistente feita nas colunas do "Noticias de Guimarães", o que nos apraz registrar.

E elevada, nós o sabemos, a soma de contos em que importam os aparelhos a adquirir para a Misericórdia, mas os benefícios que daí resultam para todo o nosso concelho são incomparavelmente maiores. Por isso mesmo estamos absolutamente convencidos de que as pessoas que foram abordadas sobre tão importante assunto não deixarão de prestar à Santa Casa de Misericórdia o seu indispensável concurso, demonstrando assim que sabem acarinhar as boas iniciativas, dando-lhes o valor que bem merecem.

Que todos cumpram o seu dever, dentro, é claro, das suas possibilidades, são os votos que fazemos, convictos de que ninguém deixará de dar à iniciativa em marcha o seu apoio.

Um Centenário

A propósito da comemoração do 1.º Centenário do nascimento de Teófilo Braga, transcrevemos do nosso prezado colega "Diário de Lisboa":

"Teófilo Braga — sejam quais sejam as divergências que nos separem da sua obra e dos seus ensinamentos — merece o nosso respeito. Quando já no seu tempo se esboçavam tendências que reputava prejudiciais ao lusitismo, procedeu a uma revisão dos nossos valores nacionais, acentuando que a nossa independência era quasi um fruto da natureza que a livre acção dos homens robusteceu e consagrou.

Lutou por esta causa sagrada, sem quebra nem fadiga. Espirito revolucionário dos mais avançados, bateu-se com elevação e nobreza, para que Portugal encontrasse, aquém e além fronteiras, a justiça que se deve à grandeza do seu esforço civilizador.

Como ainda há pouco lemos que Teófilo presidia solitariamente ao cemitério dos seus livros onde tudo se apagou — assim acontece nas cidades mortas — nós entendemos que a melhor maneira de perceber o seu pensamento e a sua bela intenção consistiu em o estudar demoradamente, até ressuscitar a vida que o animou.

A hora legal

Uma portaria do sr. Ministro das Obras Públicas determina que, em 13 de Março próximo, a hora legal seja adiantada 60 minutos e, em 17 de Abril, igual espaço de tempo.

O Cardeal largou-se a rir, a um tempo bruscamente e docemente. Com a sua face magra, o seu bigode preto, o seu cabelo grisalho, tinha um ar de subtileza indescriptível.

— Eu não sou o rei, replicou-me. Além disso, disseram-me que vós não haviades matado menos de seis homens em duelo. Portanto, deveis ao rei uma vida pelo menos, e é preciso pagá-la. Não vos resta dizer mais nada, senhor de Bérault? — continuou-me friamente, voltando-me as costas e começando a pôr em ordem uns papéis. — A ordem deve seguir o seu curso.

Pareceu-me que ele ia fazer um sinal ao comandante para me levar, e um suor frio correu-me ao longo do dorso. Vi o cadafalso e senti a corda. Ainda um minuto, e seria muito tarde. Ao acaso, balbuciei:

— Tenho uma graça a pedir, se vossa emiñencia quiser conceder-me um momento a sós... — Não sei para quê... — respondeu-me, dirigindo-me um olhar perturbador e glacial. — Eu conheço-vos bem e ao vosso passado... Sei tu-

Campeonato Nac. de Futebol

o Vitória empatou com o Unidos por 4-4 e ganhou ao Sport Club Vianense por 3-2.

A formosa tarde do passado domingo e os recentes triunfos que o Unidos de Lisboa alcançou sobre a Associação Académica e o F. C. do Porto levaram ao Benlhevai farta assistência para presenciar o encontro que ali se disputava entre o Vitória e aquele grupo da Capital.

A luta foi emocionante e movimentadíssima. A equipe visitante, excelente sob todos os aspectos, teve no Vitória digno adversário, o que fez com que a partida fôsse seguida com extraordinário interesse e muita vibração.

Neste jôgo cometeu o Vitória proeza notável, pois estando a perder por 3-0, já na segunda parte, conseguiu chegar à posição de vencedor, fazendo quatro tentos em 27 minutos.

A bola de saída coube ao Vitória que, num ataque fulgurante, pôs imediatamente em perigo as redes adversárias, embatendo a bola na barra transversal.

Nos primeiros 45 minutos só houve um tento, marcado por Tanganho, avançado-centro do Unidos, e esse mesmo conseguiu à margem das leis.

O jôgo terminou com o empate de 4 bolas, e foi este o seu mais lógico desfecho. Na primeira parte o Unidos teve certa superioridade, mas na segunda o Vitória impôs-se.

Alexandre abriu o activo do seu grupo com a marcação de uma grande penalidade, executando o chute com muito sangue frio e boa direcção.

Raras vezes nos tem sido dado apreciar manifestação de tanto entusiasmo como aquela que irrompeu da multidão quando Arlindo chutou o goal que pôs o Vitória em vencedor. Foi um verdadeiro delírio, que se justifica bem se atendermos a que apenas 27 minutos antes a equipe estava a perder por 3-0, todos acreditando então na sua derrota.

As bolas do Unidos foram marcadas:

A primeira, por Tanganho, aos 12 minutos; A segunda, por Brito, aos 51; A terceira, por Tanganho, aos 52; A quarta, por Osvaldo aos 86.

Pelo Vitória marcaram:

Alexandre, aos 54 minutos; Arlindo, aos 77; Ferraz, aos 80; Arlindo, aos 81.

O Sr. Vieira da Costa não foi feliz na arbitragem.

O Unidos possui uma valerosa equipa, praticando futebol enérgico e rápido. Salientaram-se neste encontro: Brito, Eduardo Santos, Leonel,

Carlos Pereira, Félix, Baptista, Tanganho e Osvaldo.

No Vitória, os defesas falharam na primeira parte e nos médios só Castelo se evidenciou. No ataque, Alexandre foi o mais batalhador. Na segunda parte, porém, todos melhoraram, esforçando-se pelo resultado.

Machado, com alguma culpa no primeiro tento que sofreu, por indecisão, executou muitas e magníficas defesas, reveladoras da classe que possui.

No encontro da manhã, as Reservas defrontaram o Sport Club Vianense e triunfaram por 3-2.

Brioso marcou duas bolas e Martins uma.

Arbitrou o Sr. Nelson Ribeiro.

Hoje, às 15 horas, jogam o Vitória e o Sporting Clube Orlhanense, e às 11 as Reservas com o Limarense.

J. G. F. Mocidade Portuguesa Feminina

No modelar Colégio de Nossa Senhora da Conceição, efectuou-se, no passado domingo, a festa de abertura oficial do ano social da Mocidade Portuguesa Feminina, levada a efeito, com muito brilho, pelo Centro n.º 3 daquele patriótico organismo.

De manhã e na linda capelinha do Colégio foi celebrada missa, tendo sido feita uma brilhante alocação às filiações.

De tarde, pouco depois das 15 horas e num amplo salão do importante estabelecimento de ensino, teve lugar um sarau literário-musical, que teve numerosa e distinta assistência.

Presidiu a Delegada Provincial do mesmo Organismo, que proferiu um breve mas entusiástico discurso, o mesmo fazendo a Sub-Delegada Regional, Sr.ª D. Albina Iracema de Quadros Flores, sendo ambas muito aplaudidas.

Seguiram-se vários recitativos, alguns coros, etc., merecendo todos os números do bem elaborado programa os demorados aplausos da assistência.

Procedeu-se ainda à distribuição de agasalhos aos pobres, o que deu à interessante festa um maior significado social e uma das filiações do patriótico organismo fez entrega, por entre estrondosas palmas, de uma recordação de Guimarães à Delegada Provincial da M. P.

A encerrar a linda sessão as filiações da M. P. F. cantaram a «Portuguesa», que a assistência ouviu, de pé, respectivamente, assim terminando a encantadora festa.

Depois e numa outra dependência do Colégio foi oferecido à senhora Delegada Provincial e demais convidados um primoroso chá.

PROFESSORA ESTRANGEIRA

Lecciona francês e inglês a crianças e adultos. Vai a casa dos alunos.

Quem pretender, falar na Casa dos Pombais. 316

era outra coisa a que querieis dizer-me?... Quasi a cair-lhe de joelhos, balbuciei:

— Salvei-vos um dia a vida, monsenhor!... — Bem sei — respondeu-me com a sua voz fina e arrogante. — Já o destes... Mas também sei que destruístes seis outras vidas, senhor de Bérault. Levais a existência de um espadachim, de um brigão vulgar, de um jogador. Vós, um homem tão bem nascido? Que vergonha! E surpreendei-vos de que tal vida vos tenha conduzido à situação em que vos encontráis? Todavia, sobre este ponto, sobre este único ponto, quero ouvir-vos ainda — ajuntou-me, sem transição.

— Sabeis alguma coisa? — perguntou-me vivamente, com os olhos pregados em mim. Mas ajuntou logo, abanando vagarosamente a cabeça: — Não é possível... O expediente é velho... Tenho melhores espíões do que vós, senhor de Bérault!

(Continua)

Augusto Gil

Nasceu em Lordelo do Ouro. Viveu na Guarda. Morreu em Lisboa.

Quem foi Augusto César Ferreira Gil? — Um Poeta cheio de maviosidade, doçura e encanto, que não precisou de escrever blasfêmias para que o seu nome conquistasse a admiração dos seus contemporâneos.

Corria uma onda de vaidade satânica. Raivava-se contra os princípios cristãos e os apetites da carne grunhiam contra a fé. Poetas havia que, fazendo-se intérpretes de nova ideologia, armando-se em sequazes de nova era de liberalismo sem norma nem orientação, chameavam das verdades eternas. Augusto Gil não lhes seguiu as pisadas. Era o poeta simples, cada vez mais perfeito, de dia para dia mais poeta, de hora para hora mais contemplativo. Alma que tivesse bebido no leite materno todos os vícios e virtudes da natureza, êle deixou nos seus livros a formosura das flôres, a variedade da paisagem, a eufonia da brisa, o ardor do sol, a apreensão da lua, a claridade do dia e os negrimes da noite.

As suas poesias são cadências de um pensamento elevado, puro, acessível, que ascende sempre para mais alto, ao mesmo tempo que se entretêm com os factos mezinhos, êses pequenos nada que sucedem todos os dias ou podem suceder todos os dias e que muitos desprezam, a-pesar-de muitas vezes servirem para nortear uma vida e firmar um carácter. Geralmente, não é um poeta que ri ou chora. E' um poeta que admoesta com a meiguice das rimas, ensina com os fulgores da inspiração, canta com o ritmo das sílabas e prende com o sublime dos conceitos e a naturalidade do verso. No entanto, quantas e quantas das suas quadras são verdadeiros poemas!

Perfeição, sentimento, harmonia, naturalidade — eis as quatro grandes virtudes que ressaltam dos seus livros. Morreu. Mas ficou neste mundo a fragrância das suas redondilhas maiores, a espontaneidade da sua inspiração e a frescura dos seus motivos. Certamente, naquêl 26 de Fevereiro de 1929, quando os sinos dobravam com dor e amargura, andavam também nos seus badalos quadras coma esta:

Alma de simples tem asas
De ambicioso, rasteja.
O incenso morre nas brasas
E perfuma tôda a igreja...

E, no peito das mães, ecoariam, talvez, estas toadas simples, mas belas:

Que a todos chegue a ventura,
Tôja a bôca tenha pão,
Tôda a nudez, cobertura,
Tôda a dor, consolação.

Mas, se o oiro é mau caminho,
Antes tu venhas a ser
O pobre mais pobrezinho
De quantos pobres houver.

Farreira Tôrres.

HOMENAGEM PÓSTUMA

A homenagem póstuma prestada ao saudoso Arcipreste de Guimarães, Monsenhor João António Ribeiro, no sábado passado, na sede da Juventude Escolar Católica (Secção do Liceu de Martins Sarmiento) foi bem, como aliás se afirmara, uma prova de gratidão por Alguém que, pelo seu grande apostolado, bem merece o eterno reconhecimento de todos.

Presidiu à sessão o venerando Arcipreste, Rev. João do Carmo da Cruz Magro, secretariado pelos Srs. Drs. João Rocha dos Santos, Presidente da Câmara e José Francisco dos Santos, Reitor do Liceu, vindo-se ainda em lugares reservados, entre outras individualidades de que não pudemos colher nomes, os Srs. P.º Aloisio de Sousa, Assistente Diocesano da JEC; P.º José Carlos Simões Veloso de Almeida, Director do Internato Académico; P.º Avelino Pinheiro Borda, Dr. Alfredo Dias Pinheiro, Dr. Joaquim de Oliveira Tôrres, Dr. Aventino Leite de Faria,

Engenheiro Pimentel, Presidente da Direcção Diocesana da JEC; P.º Luis Gonzaga da Fonseca, P.º Augusto José Borges de Sá, P.º Manuel da Silva, P.º António de Castro Xavier Monteiro, Tenente Mário Pinheiro, Presidente da Junta de Freguesia da Oliveira; Professor Antunes, Dr. Teodoro Teixeira Pita, Conservador do Registo Predial, muitas senhoras, estudantes, etc.

O salão de festas da JEC estava repleto.
O Sr. P.º Avelino Pinheiro Borda, visivelmente comovido, levanta-se para falar. Diz-nos que aquela homenagem é de gratidão por Alguém que bem merece a gratidão dos Jecistas. Gratidão e reconhecimento porque Monsenhor João Ribeiro foi bem a alma daquele organismo, o motor potente que impulsionou a JEC.

A homenagem é muito simples mas muito sincera: a gratidão dos rapazes da JEC, bela flor que germina nas suas boas almas.
Rapidamente o distinto orador traça o perfil moral e intelectual do saudoso sacerdote. Diz que Monsenhor João Ribeiro, cansado embora pelos anos, soube sempre impôr-se a todos, multiplicando-se uma actividade febril.

Seguidamente, o orador presta homenagem ao Sr. Arcipreste, Rev. João do Carmo da Cruz Magro, aos Srs. Presidente da Câmara, Reitor do Liceu, P.º Aloisio de Sousa, e agradece a tôdas as pessoas que ali foram associar-se àquele acto de merecida justiça.

O Rev. João Magro procede em seguida ao descerramento do retrato do homenageado, ouvindo-se em tôda a sala uma carinhosa salva de palmas.

O pequeno estudante Jaime Xavier Carvalho recitou uma mimosa poesia consagrada a Monsenhor João Ribeiro, e disse-a com sentimento, o que causou bastante emoção em todos os assistentes.

Falaram depois, em nome da Direcção local da JEC, o estudante do 6.º ano Sr. Joaquim R. Sousa e os Srs. Engenheiro Pimentel, P.º Aloisio de Sousa, referindo-se todos às nobilíssimas qualidades que exornavam o coração bondoso do querido morto.

Por último o Sr. Arcipreste levantou-se, falando-nos da amizade que durante 43 anos manteve com Monsenhor João Ribeiro, das suas acrisoladas virtudes, da sua sublime santidade, prestando-lhe, comovidamente, a sua homenagem de saúde, assim terminando aquela sessão que ficou bem vinculada no coração de todos os que a ela assistiram, pelo que traduziu de sincero.

DOIS HOMENS

Nos dias 1 e 7 do próximo mês de Março — amanhã e domingo — passam os aniversários do falecimento de dois vimeirense illustres, cujos nomes são e serão sempre recordados com a mais viva saudade, tantos e tão assinalados serviços prestaram à sua e nossa Terra.

Queremo-nos referir, com o maior carinho, saudosamente, a Eduardo Manuel de Almeida e ao P.º Gaspar Roriz, que foram dois grandes valores e que bem merecem, pelo muito que fizeram, o nosso maior respeito e eterna gratidão.

Recordá-los, evocando a sua memória, é dever que cumprimos religiosamente.

Ludovina Rosa Ferreira

AGRADECIMENTO

A família da saudosa extinta julga ter agradecido a tôdas as pessoas que lhe apresentaram condolências e se incorporaram no funeral mas podendo ter cometido, embora involuntariamente, alguma falta, vem repará-la, por esta forma, com o mais vivo reconhecimento, agradecendo tôdas as enternecedoras e reconfortantes manifestações de estima e carinho que recebeu em tão dolorosa emergência.

Guimarães 25 de Fevereiro de 1943.

Teatro Jordão HOJE
às 15 e às 21 horas

BETTE DAVIS na protagonista do mais extraordinário romance de amor até hoje exibido

A VELHA AMA
COM Miriam Hopkins — George Brent — Donald Crisp e Jane Bryan —

Um filme de emocionante expressão romântica

QUINTA-FEIRA, 4:

Um vibrante romance de muitos rapazes que se deixam arrastar pelas más companhias:

O RAPAZ DA RUA
COM
Maureen O'connor — Kathleen Bruce — Jackie Cooper

DOS LIVROS



Quando o sol desfaz a bruma — por Estefânia Cabreira.

Aqui está um romance que tôda a gente pode ler. Pode figurar na cestinha de trabalho da donzela mais simples e aureolada de virtudes, principalmente a da castidade. Nem beijos perniciosos, nem encontros pouco recomendáveis, nem cenas de paixão doentia, nem sentimentalismo piegas, nem estandardização de factos desconcertantes que muitas vezes levam à prática de outros muito piores. A literatura tem também um fim, um fim nobre que nunca deveria ser esquecido: Construir o edifício moral. Quando a sociedade se patenteia tão carcomida de pústulas fétidas e abomináveis, não será um bem saná-las com conselhos, ensinamentos, exemplos vivos que emocionem e prendam? Estefânia Cabreira veio assim, com um romance rescedente a tudo o que é grandeza de espirito, a tudo o que é elevação moral — sópro de amor um intenso creptar de almas — dizer a tôdas essas raparigas sedentas do imprevisto e fascinadas pelos sorrisos margavélicos do mundo, quando os sentidos febricitam de auséios e desejos: A felicidade não está ali. Olhai para fulana. Vêdes como se estertoriza em amarguras? Reparai agora nesta jovem. Não conheceis como é dítosa? Só u Bem e no cumprimento do dever pode existir a paz da consciência e a alegria da vida. Estefânia Cabreira escreveu um livro que as raparigas deviam ler. Pelo menos, as facilmente impressionáveis. Estilo simples, lindamente simples. Nem os redemoinhos de tropos arrojados, nem a estapafúrdia de frases caudalosas e sintacticamente labirinticas. Obra de quem pensa e reflecte. Que Estefânia Cabreira continue a brindar o público com as fluências da sua pênua, as grandezas do seu espirito e a rectidão dos seus princípios. Oliveira Cabral abre o livro com seis mimosas páginas sobre a função social do romance.

Depositar: Domingos Barreira, do Pôrto.

Um homem "século XX", — por João Paulo Freire.

O jornalista e escritor Paulo Freire escreve uma "nova psicologia ao veio do tempo", onde se pode encontrar muita mazela do nosso século. Carradas de razão. Verdades que tôda a gente pode ver. Observação misturada com a água-forte da crítica. Nitidez. Estilo corrente. Exposição clara. De vez em quando, poalhas de sentimento. de bondade, de dedicação, de inteligência, que nos nossos dias passam quasi como contrabando. Como é que o mesmo ventre gerou dois seres tão antagónicos? A pergunta pouco interessa. Basta constatar essa diferença de géneos, de atitudes, de procedimento, de vida, enfim. Paulo Freire escreveu uma novela repassada de ironia mas verídica. Tudo muito bem; mas soa mal aquele "sim, minha filha, e tem-se feito para aqui de dizer tolices", da pág. 68. Há tanta aversão ao adjectivo verbal regular dos verbos! E, contudo, dizer "tinha morto, e "tinha matado", não é a mesma coisa. Resultados também do século XX. O que não esperávamos era aquele "farto", da pênua de João Paulo Freire. (Edição de Domingos Barreira, do Pôrto).

Uns olhos bizantinos — por Ivan Bouinine.

Êste livro é formado por três contos de consagrados autores russos: "Uns olhos bizantinos", de Ivan Bouinine; "Um homem original", de Leónidas Andriev; e "um processo sumário", de Alexandre Kuprine. Em assuntos variados, cada qual com as suas características, os contistas russos apresentam-nos algumas das suas belas páginas, onde nem sempre se vê exemplar aquela directriz mental que lhe é tão distintamente peculiar. (Coleção "Contos", e "Novelas", Edições Strius, de Lisboa).

Caminhos de lirismo — por Mário Mota.

Mário Mota escreveu um livro sobre o poeta João Maria Ferreira que já tem sido lembrado, nestas colunas, por diversas vezes. E' o terceiro escritor que se debruça sobre o poeta dos "versos do mar oceano". Conhecemos uma pequena parte da obra de João Maria Ferreira e isso presta-nos um valioso

auxílio para apreciarmos, pelo menos "tant bien que mal", como dizem os franceses, as criticas. Gostaríamos mais de nos referirmos a Mário Mota através dos seus livros — daqueles que revelam força criadora. No entanto, não deixamos de lhe reconhecer qualidades; mas permitimo-nos discordar de certas afirmações. Para nós, J. M. F. nada tem de Nietzsche nem de Flôrela Espanca. João Maria Ferreira é João Maria Ferreira. Uma opinião pessoal. Quem há que as não tenha? Depositar: Livraria Latina, do Pôrto.

F. T.

da cidade

Diversas Notícias

Câmara Municipal
Em sua sessão de 23, a Câmara Municipal deliberou:

Exarar na acta um voto de congratulação pelo completo restabelecimento do Senhor Arcebispo Primaz; Promover a venda das casas do bairro Capitão Alfredo Guimarães; Aprovar o projecto de pavimentação da E. N.º 13 (Ponte de Negrelos) e solicitar do Sr. Ministro das Obras Públicas e Comunicações a comparticipação para a execução desta obra.
A Câmara tomou conhecimento de vário expediente.

Incêndios

No domingo, por volta do meio-dia, manifestou-se principio de incêndio na chaminé da cozinha do Hospital da V. O. T. de Domingos, tendo ali comparecido rapidamente os Bombeiros Voluntários, que prestaram os seus serviços.
Felizmente os prejuizos são muito pequenos.

Na segunda-feira, de manhã, também houve um principio de incêndio numa casa do lugar da Calçada, na freguesia de S. Lourenço

de Selho, onde os bombeiros compareceram logo após o sinal de alarme.
Os prejuizos são insignificantes.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Pereira.

O Problema da Habitação

Com a costumada solenidade inauguram-se, hoje, às 10 e 16,30 horas, respectivamente, mais três excelentes casas mandadas construir pela progressiva Cooperativa «O Problema da Habitação» e que se desitam aos seus associados os nossos prezados amigos srs. António Luis de Bastos Pina, na Rua N.º 7, António Cândido Carvalho Miranda e Bernardo Nicolau de Miranda, na Avenida dos Pombais.

Agradecemos o convite que nos foi feito para os actos da inauguração.

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:
No dia 24 de Fevereiro, a senhora D. Maria Ribeiro Antunes, residente em Tôrres Novas, esposa do nosso amigo sr. Manuel Coelho; no dia 26, a senhora D. Aurora de Freitas Saraiiva, esposa do nosso bom amigo sr. Joaquim Patricio Saraiiva; no dia 1 de Março, os nossos prezados amigos srs. Tenente Mário Pinheiro, digno Presidente da Junta de Freguesia de Oliveira, e Manuel da Cunha Machado, estimado proprietário; no dia 2, o nosso bom amigo e conceituado comerciante de ourivesaria, sr. Manuel Joaquim Pereira de Carvalho e a interessante menina Maria Albertina de Carvalho Carneiro e Silva; no dia 3, o nosso prezado amigo e distinto professor do Colégio Almeida Gervatt, do Pôrto, sr. Manuel da Costa Pedrosa; no dia 4, o nosso bom amigo e conceituado comerciante sr. Joaquim António da Cunha Machado; no dia 5, o conceituado industrial de padaria e nosso bom amigo sr. José Mendes Guimarães; no dia 6, o digno presidente do Grémio do Comércio e nosso estimado amigo sr. Casimiro Martins Fernandes e, no dia 8, o nosso bom amigo e estimado correspondente em Mesão-Frio, sr. António Dias.
A todos apresenta «Noticias de Guimarães», os seus cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Esteve, há dias, nesta cidade, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. dr. Luis de Pina, illustre Professor na Universidade do Pôrto e Deputado da Nação.

Tem estado nesta cidade, o nosso prezado amigo e distinto oficial do Exército sr. Tenente-Coronel Mário Cardoso.

Tem estado em Lisboa o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Luis Cardoso de Macedo e Menezes (Margaride).

Regressou de Lisboa o nosso prezado amigo e distinto Veterinário Municipal, sr. dr. José da Conceição Gonçalves.

Acompanhado de sua esposa esteve nesta cidade, o nosso prezado amigo sr. Vasco Bu-mester Martins.

Regressaram de Lisboa os nossos prezados amigos srs. António Alberto Pimenta Machado e José Maria Machado Vaz.

Acompanhado de sua esposa esteve nesta cidade, o nosso amigo sr. Mário A. dos Santos Martins, do Pôrto.

Regressou de Lisboa o nosso bom amigo sr. Domingos Martins da Rocha.

Doentes

Tem passado ligeiramente doente o nosso prezado amigo sr. António Lorangeiro dos Reis.

Também tem passado doente o menino José Herlander de Freitas, filho do nosso prezado camarada sr. José Gualberto de Freitas.

Igualmente tem estado doente a senhora D. Ana Simões Menezes Pacheco, esposa do nosso prezado amigo sr. Norberto de Freitas Guimarães Pacheco.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

João Eduardo de Oliveira Mota

Depois de amanhã, dia 2 de Março, faz um ano que a morte ceifou a esperanças vida d'êste moço, que no meio vimeirense soube conquistar, pelas suas primorosas qualidades de educação, a simpatia de tôda a gente.
Tinha 20 anos apenas e era filho do nosso querido amigo sr. Eduardo Lemos Mota e de sua dedicada esposa.

Um ano volvido, o seu nome é recordado com a mais viva saudade por todos quantos com êle algum dia conviveram.

Francisco Dias de Castro

No passado dia 25 completaram-se 10 anos sobre o falecimento d'êste saudoso vimeirense, pai do Director d'êste jornal, tendo-se celebrado, naquele dia, sufrágios por sua alma.

Olivia de Pina Teixeira

Vitimada por uma terrível doença finou-se esta bondosa senhora, esposa do motorista sr. Manuel Teixeira,

A narcose

A palavra «narcose» vem do grego e significa «desmaio» ou «insensibilidade à dor». A invenção propriamente dita de narcose é de data recente; faz-se pela influência de certas substâncias químicas sobre o sistema nervoso central, ocasionando um desmaio completo ou parcial, mais ou menos profundo. A narcose total suspende a actividade da consciência, dos sentidos, o emprêgo voluntário dos músculos e a actividade do reflexo. Prossegue somente as funções involuntárias da respiração e do pulso.

Mas há, como já está indicado, várias espécies de narcoses. Por exemplo, a narcose por inalação, que é a mais velha, sendo empregada pela primeira vez em 1942. Hoje, é levada a efeito pela inalação de clorofórmio, éter, ou gases, como o gás hilariente ou o narcótico, por intermédio duma máscara. Os pulmões transportam estes gases ao sangue, e êste leva-os ao sistema nervoso central. Esta forma de narcose, embora seja a mais antiga, é ainda empregada nos nossos dias, naturalmente segundo métodos modernos e em complemento a um dos processos mais recentes.

A narcose por inalação tem, no entanto, as suas vantagens, que fazem com que ainda não esteja completamente fora de uso. Empregando apenas doses restritas, como é possível em combinação com uma outra espécie de narcose, o perigo é relativamente insignificante. Em caso dum incidente inesperado, pode-se retirar imediatamente o narcótico, que a respiração dentro em breve expelle por completo do corpo; ao passo que empregando uma narcose de outra espécie, o medicamento não pode ser tão facilmente expulso do corpo humano.

As vantagens da narcose por clister e por injeção, consistem em evitar efeitos desagradáveis, poupando assim a psique do doente. Por clister, o medicamento, por exemplo, *Avertin*, é introduzido no corpo por meio dum clister; na narcose por injeção, injecta-se *Evipan*, *Avertin*, *Pernoclon*, etc. Ambos os processos foram inventados e desenvolvidos por médicos alemães e o *Instituto Pasteur* vende-os.

Um outro método é o da anestesia lumbal, indicado e introduzido por August Bier. Trata-se duma injeção do narcótico no canal vertebral, que torna insensíveis o ventre e as pernas. E' impossível ferir a medula espinal segundo êsse processo, como se poderia supor à primeira vista, porque a injeção faz-se na parte inferior da coluna vertebral, onde não há mais medula, mas sim apenas nervos. Mas isso já entra numa outra forma de narcose, a *narcose parcial*. Foi Karl Koller quem desenvolveu êste processo. Pelos fins do século passado, fazia experiências com a cocaína, sobretudo nos olhos dos animais. Foi assim, o descobridor da anestesia local, um dos maiores progressos na medicina alemã.

A cocaína é venenosa, e, portanto, impraticável. Mas foram extraídos outros preparados inofensivos, como a *vcNoodina*, a *Stovaina*, etc.

QUINTAS Vendemos nos concelhos de Guimarães, Braga, Fafe, Póvoa de Lanhoso, Felgueiras, Cabeceiras de Basto, com esplêndidas casas de senhorio e com a renda em cereais de 21, 6, 4, 5, 3, 10, 2, 9, 7, 8, 15 e 20 carros, e bem assim casas no centro desta cidade.

A Hipotecária — R. da República, 70.

que era aparentada com a estimada família Pina.
O seu funeral, que foi muito concorrido, realizou-se na segunda feira para o Cemitério Municipal.
Pezames à família enlutada.

Missa do 1.º aniversário

Foi bastante concorrida a missa que, comemorando o 1.º aniversário do falecimento da senhora D. Maria Garcia Costa, veneranda mãe do nosso querido amigo e illustre Professor do Liceu D. João III, de Coimbra, sr. dr. Manuel José Ferreira da Costa, se rezou na passada segunda-feira, na Igreja de N. S. da Oliveira.

Vida Católica

Quarenta Horas—Nos dias 7, 8 e 9 de Março realizar-se-á, na Igreja da Misericórdia, servindo de paróquia de S. Paio, o costumado tríduo das «Quarenta Horas» em que será orador um distinto sacerdote.

Mês de S. José — Na Capela de N. Senhora da Guia principiam, amanhã, os piedosos exercícios do Mês de S. José, que são precedidos de missa, todos os dias, às 8,30 horas.

Também em diversos templos da Cidade iniciam-se, amanhã, êstes piedosos exercícios com o seguinte horário: — N. Senhora da Oliveira, às 6 horas, excepto aos domingos, que será às 15,30; Basilica de S. Pedro, às 6 horas; S. Sebastião (Domínicas), Misericórdia e Santos Passos, às 8 horas; Capelas da Casa dos Pobres e Oficinas de S. José, às 7 horas; Capela da V. O. T. de S. Francisco, às 17 horas; V. O. T. do Carmo, às 18 horas; V. O. T. de S. Domingos (segundas feiras e quartas-feiras), às 16,30; domingos, às 10,30 e nos restantes dias, às 7,30 horas.

SAUDADES

Amor

Saúdaes, amor, as tenho
A esmagar meu coração.
Como as pedras dum engenho
A moer o trigo em grão.

Saúdaes, amor, as tenho
Dos tempos que já lá vão.
Abraços, beijos, detenho
Dentro do meu coração.

Saúdaes, amor, as tenho
Dos beijos que então te dei.
Abraços que não mantenho
E carinhos que eu cá sei.

Saúdaes dos tempos idos
Que vão e não voltam mais.
São desejos bem perdidos
Entre soluços e ais.

Saúdaes! Quem as não tem
Dum amor que já foi seu?!
Saúdaes como as da Mãe
Que tem seu filho no céu.

Guimarães 17-2-943. J. G.

Ainda a Catástrofe da Basílica de S. Pedro

O nosso prezado amigo Sr. José Leite Mendes, digno Ajudante de Notário em Terras de Bouro, enviou-nos, há dias, com destino às famílias das vítimas da Catastrofe da Basílica de S. Pedro, a quantia de 20\$00, o que agradecemos, tendo já feito a respectiva entrega ao Tesoureiro da Comissão de Socorros, o nosso prezado amigo Sr. João T. de Aguiar.

Sociedade Martins Sarmiento

E' convocada para o dia 8 de Março, às 17 horas, a Assembleia Geral de sócios desta Sociedade, a fim de se proceder à eleição da nova Direcção, para a gerência de 1943-1944.

Não comparecendo número legal de sócios ficará a segunda convocação para o dia 16 do mesmo mês, à mesma hora e sem novo aviso.

Guimarães, 28 de Fevereiro de 1943.

O Presidente, Augusto Cunha.

CLUB DOS CAÇADORES E ATIRADORES CIVIS DE GUIMARÃIS

Assembleia Geral Ordinária

São convidados os sócios deste Club a reunir em Assembleia Geral no dia 7 de Março, pelas 22 horas, para dar cumprimento ao disposto pelo artigo 27.º dos Estatutos.

Se não comparecer número legal de sócios, ficará a sessão adiada para o dia 10 de Março, pelas mesmas horas, funcionando então com qualquer número de sócios.

Guimarães, 25 de Fevereiro de 1943.

O Secretário da Assembleia Geral, José André.

Piano, vende-se. Vertical em estado de novo. Informa: em Largo 28 de Maio, 27.

BOM EMPREGO DE CAPITAL

VENDE-SE um bom prédio com grande quintal, assim como o recheio do mesmo, situado na Avenida Miguel Bombarda, 52. Para tratar com o seu proprietário.

Propriedade A vinte minutos da cidade vende-se uma propriedade com o rendimento de 2 carros de medidas, 3 rodas de moimho e casa de senhorio para acabar de construir. Para tratar na rua de D. João I, 207.

Reformado da G. N. R.

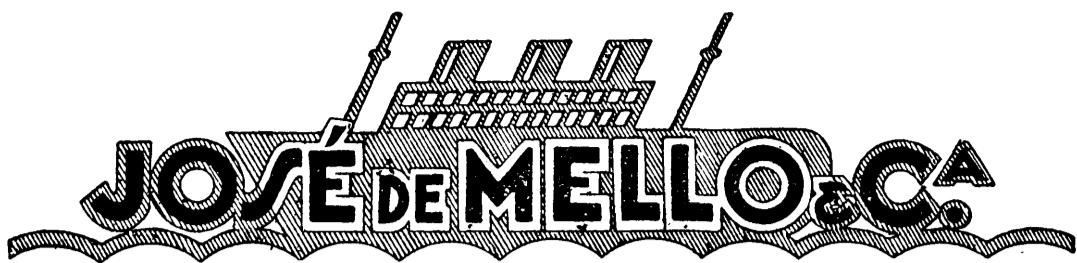
Com 46 anos de idade, oferece-se para qualquer serviço, não fazendo questão de salário. Informa a Liga dos Combatentes da Grande Guerra, nesta cidade.

EMPREGADO

Oferece-se com longa prática de armazenar na industria de calçado, também conhecendo toda a viagem do Sul do país. Carta a esta Redacção a Empregado.

Quintas - Vendem-se

com o rendimento de 14, 6, 11, 10, 8, 15 e 3 carros de medidas de 20 litros, com casas de senhorio e caseiro, estradas à porta e servidas por meios de transporte. Tratar com Martinho da Silva.



DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO, IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM

RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67 PORTO

CASA FUNDADA EM 1828

TELEFONES { Escritório, 73 e Estado, 57

Agentes de Navegação, de Fabricantes e Negociantes estrangeiros e nacionais



Escutai estas emissões

Table with columns for time (10,45, 12,15, 21,00), program type (Noticiário, Actualidades), and frequency (m, mc/s, Kc/s)

O Melhor Café é o d'A Brasileira



Vendedor oficial em GUIMARÃIS PEDRO DA SILVA FREITAS

EXIJAM SEMPRE O NOME DO VENDEDOR OFICIAL EM GUIMARÃIS: Pedro da Silva Freitas

COMARCA DE GUIMARÃIS

Secretaria Judicial

Éditos de trinta dias

(2.ª publicação)

Na segunda secção da secretaria judicial desta comarca, está pendente uma Execução sumária proposta por Manuel Alves Carneiro, casado, proprietário, do lugar de Campe-

los, freguesia de São João de Ponte, desta comarca, contra Maria da Glória Rodrigues Mota, operária fabril, do lugar da Ponte, da dita freguesia, e seu marido José da Silva, ausente em parte incerta, há mais de 14 anos, nos Estados Unidos do Brasil, para o fim de haver dos executados a quantia de dois mil escudos, de que a executada, no impedimento, por ausência, do marido, se confessou devedora ao exequente, por meio de documento junto aos autos, para adquirir uma pequena revoção de terreno de perca, revertendo o empréstimo em proveito comum do casal.

Pelo que e pelos presentes éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da publicação do segundo e último anúncio, é citado o referido executado José da Silva, para no prazo de cinco dias, posterior ao dos éditos, pagar a quantia exequenda ou nomear bens à penhora, suficientes para esse pagamento, sob pena de se devolver o direito de nomeação ao exequente, podendo, dentro do mesmo prazo, deduzir a opposição que tiver.

Guimarães, 15 de Fevereiro de 1943.

O Chefe da 2.ª Secção, Serafim José Pereira Rodrigues.

VERIFIQUEI.

O Juiz substituto em exercício, Teodoro Teixeira Pita.

COMARCA DE GUIMARÃIS

Secretaria Judicial

ANÚNCIO

ÉDITOS DE VINTE DIAS

(2.ª publicação)

Pela primeira secção da secretaria judicial desta comarca de Guimarães e nos autos de execução sumária que Ferreira Rodrigues & C.ª, firma comercial da Sociedade com sede no largo de S. Domingos, N.º 39 da cidade do Porto, move contra Antero Gerales Monteiro ou Antero Monteiro, solteiro, maior, comerciante, da rua de Gil Vicente, desta cidade, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do dito executado Antero Gerales Monteiro ou Antero Monteiro, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, virem à execução referida deduzirem seus direitos, nos termos do disposto no artigo 864 do Código do Processo Civil.

Guimarães, 16 de Fevereiro de 1943.

O Chefe interino da 1.ª Secção, José Alberto Martins.

Verifiquei.

O Juiz de Direito substituto, Teodoro Teixeira Pita.

RAPAZ. Precisa-se. Falar nesta redacção.

PROPRIEDADE

Vende-se a denominada do «Barroco», situada na freguesia de Ronfe, com o rendimento de 50 razas de medidas de 20 litros de cereais e 900\$00 de renda da parte urbana. E' servida por estrada. Falar com a proprietária Maria Mendes Machado, do lugar do Monte, da mesma freguesia.



Dicionários adoptados nesta Secção: - Torrinha, Moreno (compl.), Povo, Roquete (ling. e sin.), sin. de Bandeira.

Torneio de Charadas em Prosa

CLASSIFICAÇÃO DA 1.ª ÉTAPA

- 1.º - DIABO, 229 pontos; 2.º - RO-TIE, 223; 3.º - ALVARINHO, 219; 4.º - Alceste, 211; Alguém, 211; 6.º - Fidélis, 197; 7.º - Geny Rod, 196; 8.º - Lage, 194; 9.º - Dr. Bigodes, 190; Oinodis, 190; 11.º - Arrepiado, 188; Quico, 188; 13.º - Rei Texai, 184; 14.º - Príncipe Viola, 183; 15.º - Doralvas; Loscar, 182; 17.º - Patatão, 181; 18.º - P. de Inkin, 177; 19.º - Fuguigas, 176; 20.º - Joraca, 174; Psolo, 174; 22.º - Ali-Kate, 171; Josilcar, 171; 24.º - Carlos do Canto, 167; 25.º - Juca, 166; 26.º - Ti' Manel, 165; 27.º - Coude, 163; 28.º - D. Sabichão, 162; 29.º - Rei do Orco, 159; 30.º - Lbalha, 158; 31.º - Don Ranfe, 157; 32.º - Black-Bird, 154; 33.º - A. Sihlagam, 153; 34.º - Mora Rei, 152; 35.º - Copofónico, 151; Javipera, 151; 37.º - Quateac, 146; Rei Carto, 146; 39.º - Sadino, 145; 40.º - Almapa, 144; 41.º - A. L. C., 142; Laruce, 142; 43.º - Oraval, 141; Príncipe do Ave, 141; 45.º - Berleri, 140; 46.º - Agnus Matutus, 139; Ariedam, 139; Patégo d'Azoia, 139; 49.º - Lord Li-ró, 127; 50.º - Mulato, 118; 51.º - Pé-pita, 107.

Palavras cruzadas

(Jocosos) JORACA! eu cá quando tiro o casaco...

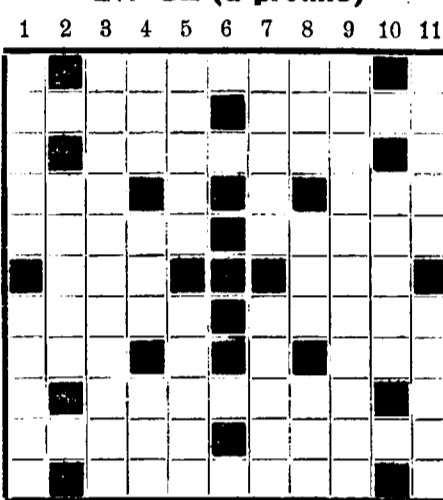
P. DE INKIN

ENUNCIADO:

Horizontais: 1 - Resfriador do cachimbo. 2 - Arvore da India; fala sem tom nem som. 3 - Designativo de toiro que tem man sanço. 4 - Certamente; tão. 5 - Soldado argelino ao serviço da França; taxa paga à autoridade eclesiástica pelos que recebem um benefício, e que era calculada pelo rendimento dum dum ano desse beneficio. 7 - Aparelho de cavalo; túnica pontifical branca. 8 - Enviado dos crentes à guerra santa; homem. 9 - Governador de provincia na antiga Grécia. 10 - Inclinação na superfície lateral dum muro; palco. 11 - Detestável.

Verticais: 1 - Nome que a costa de Africa dão aos sacerdotes; lugar reservado. 2 - Homem desprezível. 3 - 64 talhos nas marihuas de sal; esmalte preto. 4 - Certo jogo de da-

N.º 62 (a prémio)



dos; vê; interj: imitativa da detonação de uma arma de fogo. 5 - Brodio que se dava aos pobres na portaria da Alcobaca; rabicho dos indus. 7 - Capela-ucor; trigo caudal. 8 - Abrev. de teste; nenhum; familia. 9 - Pária; tecido de fio de prata ou de ouro. 10 - Embrulho. 11 - Triunfo; aroma agradável.

CANTINHO PARA TODOS

(Ao Sr. ALCINO MACHADO com os meus respetos.

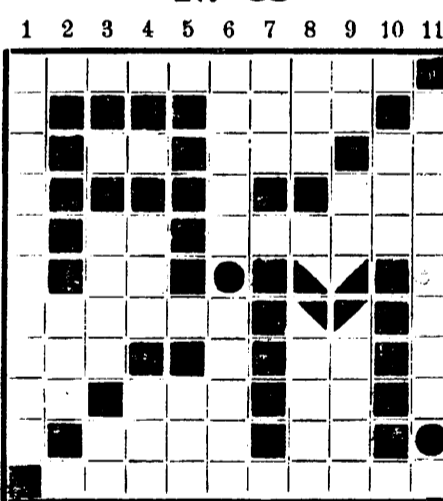
AS-DE-COPAS)

ENUNCIADO:

Horizontais: 1 - Reservado. 2 - Gostar muito de. 3 - Aspecto; abismo; que. 4 - Colocar. 5 - O lado do (vento); observância. 6 - Art.º (ant.º). 7 - Quantidade de ossos. 8 - Hora do officio divino; abrev. que significa antes de Cristo. 9 - Caminhar; aia; nota mus. 10 - Seguros com elos; avançada. 11 - Mensageiros.

Verticais: 1 - Bens de familia. 2 - Contr. de senhor. 3 - Confusão; prep. 4 - Onda; naquele lugar. 6 - Acantear mais larga da enxada; filtra. 10 - Rubor das faces. 11 - Espinhalha; juntar. 9 - Parecença; par-

N.º 63



te mais larga da enxada; filtra. 10 - Rubor das faces. 11 - Espinhalha; juntar. 9 - Parecença; par-

SOLUÇÃO DO N.º 55

Horizontais: 1 - Xerofagia, 2 - V; xeu; iro; o. 3 - Enol; u; edil. 4 - U; dactilo; h. 5 - Anoso; malva. 6 - U; lua; i. 7 - Salto; namaz. 8 - O; arruela; o. 9 - Gama; m; fuba. 10 - A; pio; mar; r. 11 - Cossouros.

SOLUÇÃO DO N.º 56

Horizontais: 1 - Vimaranesense. 2 - E; avo; s. 3 - L; caterva; q. 4 - O; oro; ais; u. 5 - Calo; atei. 6 - lmo; ris. 7 - Sono; peai. 8 - S; ora; foi; t. 9 - I; serrara; i. 10 - M; mil; c. 11 - Animalidade.

DECIFFRADORES

Dos Poies números: - Jóia de Faraó, Isolo, P. de Inkin, Agnus Matutus, Alfacinha, Biscaro, Copofónico, Criança Alegre, Dropé, E belo, Lanrus, Lucimar, M. A. P. M., Mimi Zé, Morenita, Rei Viola, Rottie, Sinhá D. L. C., Alguém, Frei António, Pacatão, Diabrête, Junifer, Lage, Jomo de Gni, Quico, Feraca, Maraca, Joraca, Caralinda e José do Canto.

Só do n.º 55: - Jaime de Sousa, Rocha e Rei David.

Só do n.º 56: - Doralvas e Menezes.

As listas do presente número devem ser-nos enviadas até 14 de Março.

Correspondência: - J. GARCIA - Rua Egas Moniz, 85 - Guimarães.

NORA

Nora de canecos absolutamente nova, vende-se. Falar na Casa dos Pombais.

PROPRIEDADE

Vende-se em Moreira de Cónegos, a 5 minutos do apeadeiro da Cucu e perto de Vizela. Casa de senhorio, com luz eléctrica, e de caseiro. Terrenos de cultura, boas ramadas e vinha, tudo murado. Terrenos de mata. Trata: Geraldo & C.ª, Lt.ª - Guimarães.

APANHA DE MALHAS

- Cedofeita, 222 - 1.º -

Esta casa tem pessoal habilitadíssimo para electricamente com a máxima perfeição e rapidez realizar concertos em meias por mais difíceis que seja.

Preços modestísimos. Encarrega-se nesta cidade

CASA JORDÃO - Luz, Fôrça e Rádio. - Guimarães -

O amor à Terra e à Grei - eis o nosso lema.